

Postos precisam de socorro

» ARIADNE SAKKIS

Em meio à sucessão de crises que o GDF vem enfrentando na área da saúde, o governador Rogério Rosso, no início deste mês, anunciou um plano audacioso: vai começar a reformar 20 centros de saúde em nove cidades, obras previstas para durarem quatro meses. "O objetivo é entregar a saúde da melhor forma possível, com os trabalhos adiantados, para a nova gestão", justificou, na semana passada. Um giro por algumas das unidades incluídas na lista é suficiente para constatar que pacientes e funcionários têm de lidar com embargos estruturais que comprometem ainda mais as clássicas dificuldades do sistema público de saúde. O custo para tentar amenizar os inconvenientes está estimado em R\$ 20 milhões.

"Aqui trabalhamos com fé", diz Marinalda Feitosa da Silva, funcionária da administração do CS 07, em Taguatinga. Quando se trabalha em um ambiente no qual o gesso do teto já despencou algumas vezes e a água da chuva já formou cascatas nas luminárias das salas, é preciso ter fé. "Nas últimas chuvas, entrou tanta água pelo teto que a sala ficou inundada", lembra. O posto, que atende, em média, mil pessoas por mês, passou por poucas mudanças desde que foi inaugurado, em 1980. "Foram reformas mais estéticas, como pintura de paredes", conta Marinalda. Além da usual falta de médicos, os espaços precisam ser ampliados. A farmácia da unidade sequer comporta as remessas de medicamentos.

Quando anunciou a medida,

Rosso afirmou que a estrutura seria transferida para módulos ambulatoriais divididos entre recepção, banheiros e três consultórios, nas especialidades de pediatria, ginecologia e clínica médica. "Alguns serviços, como a vacinação, terão de ser transferidos para outras unidades ou hospitais. A população será devidamente informada", garante o subsecretário de Atenção Primária à Saúde da Secretaria de Saúde do DF, Bernardo Augusto Nuna.

Em Brazlândia, o CS 01 recebe dezenas de mães e filhos para o acompanhamento pós-parto e

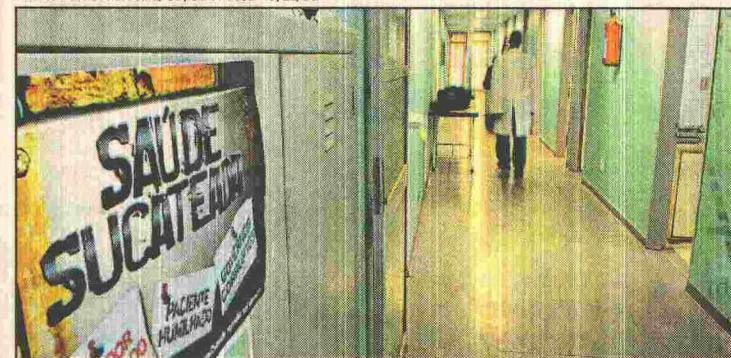
pediátrico. Com tanta demanda, uma consulta pode demorar um dia inteiro. Anatalia Barbosa Dourado, 27 anos, leva a filha, Eduarda, ao posto desde o nascimento da criança. "Olha que absurdo: tenho que marcar uma consulta para a emergência. Com criança? Não dá para esperar", afirma.

O lavrador Francisco Lopes Filho, 31 anos, é usuário constante do centro, que é o mais perto do Incra 7, onde mora com a família. "Reformar é bom. Mas tem que ter os materiais básicos, o que nem sempre acontece", reclama.

Desconforto

O arquivista do Centro de Saúde 02 de Ceilândia, Cláudio Eduardo, sabe que a unidade reserva pouco conforto a seus pacientes. "Os postos foram planejados para outra época e não se modernizaram. Hoje a nossa demanda é muito maior do que o espaço que temos para atender", diz. Corredores estreitos e janelas pequenas, características de todos os centros do DF, comprometem a circulação de ar. "Facilita a transmissão de doenças", avalia.

Fotos: Daniel Ferreira/CB/DA Press - 9/11/10



Cartaz na entrada de um centro de saúde: diagnóstico vale para a maioria



Lana, com a filha Maria Eduarda: o posto de Planaltina é inadequado

A dona de casa Marina Pereira de Souza, 35 anos, sofre de hipertensão e vai ao CS 02 a cada três meses para fazer o controle da pressão e renovar a prescrição médica. "É pequeno, tem sempre um monte de gente em pé. Tem gente que chega aqui passando muito mal e tem que esperar nesses bancos velhos. O pior é que nem sempre tem médico", critica. Desde a criação, há 29 anos, o posto sofreu poucas benfeitorias. "Meu filho tem 12 anos e desde que nasceu se consulta aqui. Nunca mudou."

A seleção das reformas é fruto

de pleitos antigos de unidades que, como o CS 02 de Ceilândia, brigam há tempos por condições melhores de atendimento. "A Coordenação-Geral de Engenharia em Saúde avaliou e concluiu que esses eram os centros em pior estado, por isso, têm prioridade", explica o subsecretário de Atenção Primária à Saúde, Bernardo Augusto Nuna. A tramitação e aprovação das obras estava parada desde o ano passado e coube ao governo decidir o que fazer. "A proposta é mudar o modelo de atenção à saúde e revitalizar o atendimento básico", resume.